

ELOGIO HISTORICO

DO

**PADRE JOÃO DE LOUREIRO**







ELOGIO HISTORICO

DO

**PADRE JOÃO DE LOUREIRO**



REPORT

OF

THE BOARD OF TRADE



ELOGIO HISTORICO

DO

P.<sup>E</sup> JOÃO DE LOUREIRO

LIDO NA SESSÃO SOLEMNE

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

EM 30 DE ABRIL DE 1865

PELO

**Dr. Bernardino Antonio Gomes**

SOCIO EMERITO DA MESMA ACADEMIA  
LENTE JUBILADO DA ESCÓLA MEDICO-CIRURGICA DE LISBOA  
PRIMEIRO MEDICO DA REAL CAMARA

LISBOA

TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA

MDCCLXV

UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
JARDIM BOTANICO

14

B-2



EL SIGLO HISTÓRICO

# P. JOYO DE LOUREIRO

Historia de Portugal

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

EM 30 DE ABRIL DE 1866

Dr. Francisco Antonio Gomes

Dr. António Augusto de Aguiar

Dr. António Augusto de Aguiar

Dr. António Augusto de Aguiar

LISBOA

THE NATIONAL LIBRARY

1866



## ELOGIO HISTORICO

DO

# PADRE JOÃO DE LOUREIRO

lido na sessão solemne

DA

## ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

EM 30 DE ABRIL DE 1865

Nascer dotado de qualidades que, aproveitadas, possam distinguir o que as possui, cultivar-as por educação bem dirigida, encaminhar todos estes dotes de modo a tornar-se util a contemporaneos e a vindouros por serviços e obras, que não permittam fazer-lhe o nome esquecido, é privilegio de poucos. Teve-o, porém, em subido grau um antigo socio d'esta Academia, o padre João de Loureiro, varão illustre pela sciencia que o ornou, pelas virtudes e elevado caracter que o distinguiram, pelos serviços relevantes que prestou á sua patria e á grande obra da civilização de todos os povos, promovida no Oriente de modo tão assignalado como fôra em tempos mais remotos por antigos portuguezes. Mas não basta que aproveitemos os serviços de uma existencia que assim ostentou brilho; é pagar divida sagrada não os esquecer, registrar na memoria dos homens tudo quanto d'estes serviços e existencia merece a nossa lembrança e gratidão. Esta divida, senhores, ainda não a pagou para com João de Loureiro a nossa Academia; devia-o fazer porém, e é para cumprir este dever que recebi um encargo honroso, do qual vou desempenhar-me tão bem quanto posso, se não em galas de estylo, que não possuo, pela narração ao menos, succinta e fiel, dos principaes factos que ennobreceram uma vida tão utilmente empregada, como foi a d'este benemerito portuguez.



Sabemos que nascera em Lisboa, mas não ao certo a época do nascimento, que as melhores conjecturas fazem remontar ao anno de 1710. Educado e instruido no collegio de Santo Antão, decidiu-o a vocação pelo estado ecclesiastico, e em 1732 entrou na Companhia de Jesus, de cujas tradições, em tudo o que ellas tiveram de honroso e digno, lhe cabe parte assignalada.

Conta-se que o modo por que fôra corrigido certo defeito da voz, que o tolhia de bem desempenhar as praticas oraes do seu ministerio, e o reconhecimento por esse favor da Providencia, lhe levára o desejo a empenhar essa voz, e os recursos de que dispunha, ao serviço das missões no Oriente. Com esse motivo, porém, devia existir o que dominava os espiritos mais elevados da corporação religiosa a que se ligou, e que os excitava á escolha do posto mais difficil e arriscado, para n'elle pôrem á prova o fervor e zelo religioso que os animava. É n'esta parte a historia de tantos que, possuidos de admiravel abnegação, iam longe, pelo emprego da palavra civilisadora, completar a conquista que outros faziam pela espada, obtendo assim para o seu proprio paiz a legitima influencia que lhe grangeava o beneficio dos conquistados, e que em geral aproveitava á humanidade inteira.

Sendo o seu especial destino a missão da Cochinchina, só para ahi partiu de Macau em 1742, havendo-se demorado n'esta cidade quatro annos, e antes outros tres em Goa. Na Cochinchina residiu durante trinta e seis annos, interrompidos apenas, nos de 1750 a 1752, em que o forçara a retirar-se uma das maiores perseguições que ali experimentára a christandade por aquelles tempos.

Dizer o que foi o padre Loureiro, como missionario, a outros em verdade melhor caberia, e mal é não tenha sido feito, pois é essa parte da sua biographia uma das boas paginas para a sua memoria e para o elevado credito das missões portuguezas na Asia. É todavia o que menos se conhece, e sobre que nada quasi tem sido por ora escripto. Caiba-nos a satisfação de ser, e n'esta occasião, o primeiro a salvar do esquecimento acções tão meritorias e dignas, aproveitando para isso todas as fontes de informação que podêmos haver, e as proprias notas manuscriptas que do illustre missionario a Academia conserva nos seus archivos.

O padre Fernando de Andrade, mandado em missão á China por elrei D. Manuel, foi o primeiro missionario que de passagem teve conhecimento das praias da Cochinchina. Nota-o Loureiro, refere-o João de Barros. Só muito depois, em 1583, partem para ali alguns missionarios franciscanos, que não alcançam penetrar no paiz. Conseguem-o outros n'esse mesmo anno, prégando a



Fê em varias provincias. Em seguida repetem eguaes tentativas os padres Bartholomeu Rodrigues e Francisco Hispano, mas são pouco depois repellidos um e outro. Em 1615 chegaram por fim a fundar e fixar missão na Cochinchina os jesuitas Bucconi e Carvalho.

Dispondo então de toda a actividade missionaria na Asia, haviam os jesuitas portuguezes dividido em provincias a área immensa, pela qual estendiam sua prégação e catechese. Só uma comprehendia o Japão, a China, o Tonkim e a Cochinchina, e era chamada a Provincia do Japão dos Jesuitas, da qual foi primeiro provincial o padre Valentim de Carvalho. Distinguiram-se n'estas missões, e em especial na da Cochinchina, pela catechese que alcançaram, pelos trabalhos e perseguições que soffreram, os padres Alexandre de Rhodes, Carlos da Rocha, Bartholomeu da Costa, João da Cruz e outros, chegando a ter na Cochinchina uma população de muitos mil christãos, muitas egrejas levantadas, e conseguindo ver n'ellas publicamente praticado o culto christão. Alistado n'esta phalange de soldados da cruz começou o padre Loureiro a carreira de luctas, e tambem a das victorias assim alcançadas para a civilisação dos povos, entrando na Cochinchina no anno de 1742, juntamente com o padre Xavier Monteiro e mais tres franciscanos.

Com as conquistas haviam os portuguezes fundado as primeiras missões na Asia. Durante quasi dois seculos foram elles os unicos a sustental-as, levando a todas aquellas regiões vastissimas a voz do Evangelho, a religião da cruz, sem que o zelo de seus missionarios afrouxasse na presença das difficuldades e dos perigos, sem que o governo portuguez se poupasse a despezas e sacrificios. Se alguma vez missionarios de outras nações da Europa, levados de seu particular zelo religioso, vieram por esse tempo juntar-se aos missionarios portuguezes, por Lisboa e nas naus de viagem portuguezas achavam caminho, no governo portuguez encontravam a necessaria protecção e auxilio, e na qualidade de missionarios portuguezes é que entravam na Asia. Só o governo portuguez ali enviava missionarios, que mantinha; só elle apresentava bispos, fundava e dotava egrejas, e promovia a criação de bispados em toda a Asia. Não são mais do que a expressão d'esse facto os direitos do Padroado portuguez no Oriente, confirmados por numerosos actos do poder pontificio, e por muito tempo não disputados. Esta supremacia, conquistada e sustentada tão extraordinariamente por uma nação pequena na Europa, não podia todavia perpetuar-se; muito foi que de modo tão extenso e absoluto durasse tanto. Começou a revolução pelos proprios missionarios estrangeiros, que o governo portuguez empregava



com os nossos. Um d'elles, dos mais activos e diligentes, o padre Alexandre de Rhodes, de origem franceza, depois de muito lidar, e com prospero resultado, no Tonkim e na Cochinchina, é dos primeiros que no seu regresso á Europa trabalha por emancipar as missões estrangeiras do padroado portuguez; lucha para isso em Roma, lucha em Paris, mas nada consegue em sua vida. Ainda pôde oppor-se-lhe victoriosamente a influencia, o prestigio do nome portuguez, e as diligencias de nossos agentes nas duas cortes. Malquistado com as autoridades portuguezas, desgostoso, mas não desanimado em seu intento, o perseverante missionario francez, se desistiu de voltar á Asia, que tanta affeição lhe devia, e onde muito se distinguira, foi consumir o resto de sua actividade nas missões do Levante, onde falleceu. A semente, porém, estava lançada, e o curso natural das coisas devia trazer a revolução. Em Roma existia em exercicio desde 1622 a celebre congregação *de Propaganda Fide*; o seminario das missões estrangeiras em França é de 1633, e desde então esses novos centros e poderosos focos de actividade missionaria, não só cresceram cada vez mais nos seus meios de acção, mas minaram, como é sabido, aquelles de que dispunhamos, a ponto de assistirmos hoje ao doloroso espectáculo de ver disputar esses direitos do padroado portuguez onde mais naturalmente elles podem ainda vigorar, na Asia, junto a Goa, que foi chamada já a Roma das Indias; não se duvidando até de castigar como scismaticos os que desejam conservar-se christãos e catholicos á sombra d'esse venerando e mais antigo centro das christandades do Oriente, d'esse resto da influencia portugueza ali existente.

O que não pôde o padre Alexandre de Rhodes, diz um auctor francez, alcançou-o a influencia de uma senhora, a duqueza d'Aiguillon, e a dos que depois em França se possuiram melhor do alcance e importancia do objecto. Em 1660 e 1662 saíram para a Asia os primeiros vigarios apostolicos francezes, Pallu, bispo de Heliopolis, para Tonkim, La Mothe Lambert, bispo de Beritho, para a Cochinchina. Bispos *in partibus*, não offendiam seus titulos os que os possuíam com relação determinada ás localidades onde uns e outros deviam ao mesmo tempo exercer a superior jurisdicção ecclesiastica. Podiam assim existir juntamente vigarios apostolicos e bispos de Tonkim, da Cochinchina, assim como de Goa, China ou Japão, nomeado um pelo governo portuguez, proveniente outro de Paris ou Roma, embora mais tarde fosse o bispo suplantado na auctoridade pelo vigario apostolico, como naturalmente devia succeder, e foi succedendo para as dioceses da Asia. Pouco depois da nomeação e saida dos vigarios apostolicos francezes, verificava-se em França a criação do seminario das missões estrangei-



ras, e por esse mesmo tempo a da companhia das Indias. Era dispor de todos os meios de acção, que nas mãos do governo de uma nação poderosa deviam forçosamente, na competencia com as missões portuguezas, vir a produzir lucta muito desigual. Os vigarios apostolicos francezes começaram por aproveitar em Sião a facilidade que encontraram de crear um seminario, que lhes foi de muito auxilio. Partiram depois ao seu destino, para Tonkim e para a Cochinchina, onde imprimiram ás missões francezas mais vigorosa organização. Os conflictos e luctas com os missionarios e bispos portuguezes tornaram-se inevitaveis; começaram desde então, ou mais propriamente continuaram, assim reforçadas, as que já antes deviam ter suscitado os missionarios do collegio romano *de Propaganda Fide*.

É na situação, assim creada para as missões do Oriente, que entrou na Cochinchina o padre João de Loureiro com os missionarios que o acompanharam, votados todos ás lides de religião com os indigenas, e ás de competencia, que não poderiam evitar, com os missionarios das outras nações. Em umas e outras se houve porém o missionario portuguez de modo que muito honra a sua memoria.

A austeridade dos costumes, a pratica das virtudes de uma religião que toda se exprime pela abnegação propria e amor do proximo, com isto os conhecimentos scientificos que, adquiridos em grau superior na Europa, os missionarios levavam á Asia, e muito seduziam a imaginação dos reis e dos individuos das classes mais auctorizadas n'essas regiões, foi, reunido tudo, o passaporte que os fez penetrar e circular por toda a parte do modo admiravel por que o conseguiram. Distinguiram-se as corporações religiosas que melhor preparavam, por educação especial e propria, os que ellas destinavam a este fim, e só corporações religiosas podiam imprimir aos missionarios aquelle grau de disciplina e de obediencia, que são indispensaveis aos grandes sacrificios, muitas vezes exigidos em tão arriscado ministerio. É bem sabido como a Companhia de Jesus foi uma d'estas corporações que mais se assignalou, e das que maior numero de conquistas fez por toda a parte. Foi o nosso missionario portuguez tambem um dos que contribuiu de modo bastante efficaç para sustentar n'este ponto o credito da sua ordem.

O padre Loureiro é exemplo, entre os muitos, do esmero com que nos Collegios dos Jesuitas se cultivava o estudo das humanidades, especialmente o das linguas. Nos apontamentos ao correr da penna, que elle deixou e indifferentemente escrevia em portuguez ou em latim, se vê a perspicuidade e a cor-



recção com que o fazia nos dois idiomas. A sua correspondencia era sustentada com facilidade egual em ambos, mas tinha mais tendencia para escrever em latim. Tambem se correspondia na lingua ingleza, mas algumas vezes dizia n'essa correspondencia aos seus amigos, que lhe permittissem fazel-o antes em latim por lhe ser assim mais facil; no inglez mesmo não era todavia menos correcta a sua phrase. Dizia Brotero, que o modo extraordinario por que se mostrou Loureiro, sabendo e escrevendo nas sciencias historico-naturaes, das quaes nada havia aprendido na Europa, e que só depois estudou, isolado e privado do auxilio d'outros, fôra em grande parte devido ao perfeito conhecimento da lingua latina, tão necessario ao estudo d'aquellas sciencias, e aos que n'ellas tem de escrever; sobre tudo depois que Linneo com tanta arte a apropriou a este estudo, e a tornou a lingua classica e technica para todos os ramos da historia natural. Não podemos saber se teve a mesma facilidade orando, que tinha escrevendo; difficilmente se pôde suppôr, porém, que um missionario o fosse, como o padre Loureiro, sem que para isso o ajudasse o dom da palavra.

As provas do vasto conhecimento que alcançou da lingua annamita ou do cochinchinez não abundam menos. Possue-as a Academia nos seus archivos. Além de muitos papeis avulsos escriptos n'aquelle idioma, e encontrados entre os de Loureiro, ha livros inteiros d'esta composição: doze volumes no formato de oitavo-grande, escriptos em papel e caracteres chinezes, que suppomos conterem os annaes e historia annamita; dois volumes com desenhos feitos á penna, representando mineraes, plantas e animaes, e que se não têm a maior perfeição para desejar n'estes objectos, dão idéa d'elles, trabalho que mostra ser fructo dos primeiros estudos feitos por Loureiro, sobre a historia natural do paiz onde por mais tempo residiu na Asia. Ha ainda dois volumosos massos, contendo quinze folhetos em optimo e bem conservado papel chinez, com trezentas noventa e sete estampas coloridas, descriptivas de plantas e tendo os nomes triviaes e latinos das especies. É a flora iconographica da Cochinchina, escripta na lingua do paiz, e que suppõe um estudo n'este ramo da sua historia natural, a que de modo já mais adiantado havia chegado o padre Loureiro; estudo que elle foi ainda aperfeçoando depois, e que a final dominou toda a sua attenção.

Outro documento importante dos conhecimentos linguisticos do padre Loureiro, e comprehendido no rico espolio que d'elle existe na Academia, é por fim o seu Diccionario annamita-portuguez.

No prologo de uma traducção franceza da Arte da lingua do Japão de outro missionario portuguez, o padre João Rodrigues, publicada em 1825 pela



Sociedade asiatica de Paris, está escripto, que ninguem fizera ainda, senão os missionários portuguezes, estudo regular e profundo da lingua japoneza. O cuidado e apreço com que foi feita e recebida esta versão da grammatica do padre Rodrigues, é outro documento do que valeram os nossos missionarios n'estes serviços ás missões e á sciencia. Cultivaram estudos semelhantes os padres C. Alvares e Callado, como o attestam as grammaticas que elles deixaram do mesmo idioma. É o que para o chim fez tambem o padre Alvaro Semedo, e muito depois, já em nossos dias, o professor do Collegio de Macau e socio d'esta Academia, J. A. Gonçalves, ficando do primeiro um dictionario, e do segundo dictionario e grammatica, que foram recebidos dentro e fóra do paiz como obras, no seu genero, de subido preço. E o que obtiveram, para o japonez e chim, Rodrigues, Alvares, Callado, Semedo e Gonçalves, alcançou Loureiro para a lingua annamita. Ahi existe manuscripto um dictionario de sua composição; os competentes que o apreciem e aproveitem, antes que venha a ter a sorte do que deixou Alvaro Semedo, cujo manuscripto desapareceu, sem ter sido publicado.

Além das vantagens que para Loureiro, como missionario, deviam resultar do vasto conhecimento que adquiriu da lingua annamita, aproveitou-lhe este de outros modos. Mais de uma vez o pôz o nosso missionario ao serviço de nacionaes e de estrangeiros, ultimando felizmente negociações commerciaes e outras, nas quaes á qualidade de bom interprete ajuntava a de valioso medianoiro, como se deprehe de alguns dos seus apontamentos.

A astronomia, a historia natural e a medicina eram as sciencias que mais recommendavam os missionarios na Asia, e que todas lhes era indispensavel possuir e exercer para alcançarem a protecção dos grandes e as sympathias populares que chegaram a ter. Por ellas conseguiu o padre Loureiro o maior grau de favor e credito na Cochinchina, occupando no palacio do rei o posto official de naturalista e de astronomico, o que muito lhe aproveitou como missionario e como homem de sciencia que era, já pela influencia que assim sustentou e converteu em vantagem das missões, já pelos trabalhos astronomicos e outros, que teve occasião de fazer, e de que deixou memoria.

Temos entre os papeis de Loureiro o desenho dos instrumentos astronomicos de que usou, o modo até por que os tinha dispostos no terraço que lhe servira de observatorio nos paços do rei. Para os calculos sabemos que empregára as Taboas de Newton, as de Mayor, La Hire, La Caille, Cassendi, Wisthon, as Ephemerides Bonnienses, as de Zanetti e o *Connaissance des Temps*. Eram-lhe



familiares a Astronomia e o Tratado d'Optica de Newton, a Astronomia de Keill, a Physica de Gravessende, as Obras d'Apress, e quanto assim exprimia melhor n'esta parte a sciencia do seu tempo. O padre Loureiro determinou astronomicamente a posição geographica de Huè, a capital da Cochinchina, bem como a de outras cidades d'este reino, sendo provavelmente o primeiro que o fez; servindo-lhe para a primeira d'estas determinações o eclipse da lua, por elle observado em 1770. Calculou para aquelle ponto de observação todos os eclipses que deviam ser vistos no largo periodo dos annos 1752 a 1774, e verificou a effectividade da maior parte d'elles; registrou egualmente quanto pôde observar do cometa visto n'aquellas regiões em 1769, como tudo consta de uma das suas Memorias, publicada pela Academia. Por este tempo occupavam-se de eguaes trabalhos na China os padres André Rodrigues e Spinosa, e correspondendo-se mutuamente, cuidavam os tres missionarios de pôr em commum as suas observações em proveito da sciencia.

Não contribuiu menos o padre Loureiro, pelos outros conhecimentos que possuia sobre physica, nas artes mechanicas, e em outros ramos do saber humano, para conquistar a benevolencia do chefe do estado, que da sua parte não poupava occasião, como geralmente praticavam os soberanos do Oriente, de utilizar por todo o modo possivel a maior sciencia que da Europa lhes era levada pelos prégadores do evangelho. E porque o missionario quasi devia ser omnisciente, alguma vez, refere elle, fôra até consultado em objectos da sciencia militar, ao que habilmente acudira pondo em relevo a natureza do seu ministerio, o qual se lhe não tolhia adquirir pela leitura alguma noticia em materias taes, de todo lhe vedava o que pela pratica era n'ellas preciso alcançar.

Mais que tudo se tornava porém necessario ao missionario conhecer e praticar a sciencia do medico. Se as outras sciencias facilitavam a entrada nos palacios e conciliavam o favor dos grandes e poderosos, pela medicina penetrava na humilde casa do pobre, soccorria-o na maior das suas miserias, na doença, assim como para elle sobretudo reservava as consolações de uma religião, que ao mesmo tempo lhe prégava, toda de caridade e de fraternal amor. N'este exercicio da medicina, a que Loureiro se via forçado pelas exigencias da sua missão, não era comtudo para a sua elevada intelligencia e indole conscienciosa o limitar-se ao simples conhecimento de algumas formulas de medicamentos, que empyricamente fosse empregando no tratamento dos doentes, como em circumstancias analogas outros praticavam. Para elle este exercicio importava a obrigação de um estudo aturado, e tão extenso quanto lhe era possivel fazel-o nos



livros para isso mais auctorisados. Dominava a esse tempo no campo da medicina a escola de Bøerhaave, e por isso vemos nos apontamentos de Loureiro largos excerptos das obras de auctores como Pitcairn Scoto, Mansino e o proprio Bøerhaave, denunciando tudo o estudo detidamente feito nos escriptos d'estes professores.

A necessidade de ter drogas medicinaes e de recorrer às do paiz, conduziu-o a mais outro estudo, ao das suas produções naturaes, as de origem vegetal especialmente, ao estudo da flora indigena; e tanto o fez que, excedendo este em breve as exigencias do exercicio medico, a que o destinára em principio, acabou por lhe dar extensos conhecimentos n'este ramo da historia natural, preparou finalmente o monumento mais valioso que o padre Loureiro de si deixou, elevado por elle proprio ao seu credito litterario e scientifico, á sua memoria.

Mantinha os missionarios o favor que lhes dava este seu muito prestimo e saber, mas além d'isso tambem o fazia certa tolerancia, que encontraram muitas vezes nos soberanos do Oriente, e procedia em boa parte da descrença ou scepticismo religioso d'estes soberanos. O exercicio, como missionario, do padre Loureiro foi na Cochinchina quasi sempre tão pouco estorvado pelo imperante, que este só recommendava, consentindo-o, certa prudencia e pouca ostentação nas praticas do christianismo, para evitar o ciume e opposição que podiam excitar. Consta isto dos proprios apontamentos. E quando essa opposição se levantava, ainda os missionarios acharam muitas vezes a protecção dos soberanos; para Loureiro foi ella tanta, que o fez atravessar incolume quasi todas as perseguições que no seu tempo affligiram a christandade na Cochinchina. Só na que se verificou em 1750 houve excepção, vendo-se então obrigado a sair do paiz com todos os missionarios portuguezes e os de outras nações que ali residiam. Pôde porém regressar com elles em 1752, e desde então, até que de todo veiu para a Europa, nunca mais soffreu perseguição, antes valeu efficazmente a muitos, que não a poderam evitar, occultando uns na sua propria habitação e favorecendo outros como as circumstancias lh'o permittiam. Assim succedeu no anno de 1753, em que os missionarios tornaram a ser expulsos ou presos, muitos christãos condemnados á canga, ao serviço dos elephantes, a pizarem as imagens, e a outros flagícios e humilhações que de costume se empregavam em taes occasiões. Em 1774 foi a Cochinchina invadida pelos Tonkinenses, e não tiveram menos consideração para com o padre Loureiro os invasores, cujo chefe o chamou desde logo a palacio, e assegurou-lhe ali a continuação do respeito que sempre merecêra, deu-lhe carta



de seguro, e quanto mais era preciso para o pôr ao abrigo dos effeitos da commoção por que passára o paiz.

Director dos estudos phisicos e mathematicos, como fôra nomeado junto á pessoa do rei, sustentou esta posição em quanto permaneceu na Cochinchina. Além d'isso, muitas outras provas recebeu elle da confiança e estima do soberano, as quaes soube largamente converter em proveito da missão religiosa e scientifica, a que se votára. A este favor dos grandes ajuntou sem duvida Loureiro as sympathias muito geraes dos de menor condição, a julgarmos pelo numero das conversões e dos que por ellas chamou ao gremio christão, pelos soccorros espirituaes que distribuia, pelo modo pacifico, e ao mesmo tempo firme e digno, por que regeu as christandades na Asia, quanto d'elle dependeu, como tudo se deprehende das suas proprias notas, e dos creditos que ao seu nome asseguram nacionaes e estranhos na historia geral das missões no Oriente.

Se o padre Loureiro foi missionario pela religião e pela sciencia, não se esqueceu nunca de o ser tambem como portuguez. Prova-o a lucta que sustentou com os missionarios de outras nações, os quaes cuidando de emancipar-se, como fizeram e fazem, cada vez mais, do padroado portuguez, não podiam deixar de trazer em continua lide os nossos missionarios. Essa lucta pôde Loureiro sustentar ainda com certa vantagem, como depois o não conseguiu talvez outro missionario portuguez nas provincias chinezas, onde a influencia das missões, franceza e romana, acabou por adquirir uma preponderancia que mal temos podido disputar.

Nem só estas, porém, foram as causas das dissensões entre os missionarios na Asia. Quando Loureiro ali entrou traziam-os divididos e disputavam-se calorosamente entre elles certas doutrinas, que levaram uns a tolerar aos chins convertidos praticas que outros condemnavam por idolatras ou supersticiosas. Estas praticas que alguns julgaram preciso consentir para não affrontar tanto os usos inveterados e queridos d'aquelles povos, nunca foram toleradas pela Curia Romana, e afinal de todo as condemnou a bulla do papa Bento XIV, da qual data certo juramento exigido aos jesuitas das missões, a que o padre Loureiro allude mais de uma vez em suas notas, mas que parece elle não fôra obrigado a prestar. A perseguição de 1730, de que não escapou o nosso missionario, e a que se lhe seguiu em 1733 e 1734, segundo refere o auctor francez da Historia Geral das Missões, tiveram por causa essa opposição exigida dos missionarios contra praticas muito radicadas nos costumes e antigas crenças dos chins, contribuindo tambem para isso o procedimento imprudente de alguns negociantes francezes contra pessoa valida do rei e seu interprete, que fôra por elles violen-



tamente arrebatado para longe do paiz. O ultimo d'estes factos refere-o tambem Loureiro. Perseguições ulteriores, como a de 1767, mais tiveram por causa as dissensões entre missionarios do que a propria intolerancia religiosa dos perseguidores; e a taes desintelligencias e seus effeitos attribue Loureiro o menor fructo das missões, e contar a Cochinchina em 1747 oitenta mil christãos, havendo sido dobrado o seu numero um seculo antes, como o confirma, diz elle, o Breve de Benedicto XIV, *Quanto pene charitas*.

A lucta que o padre Loureiro sustentou com os missionarios da Propaganda, entre os quaes se distinguiam os padres Halbout e Marino, consta da sua correspondencia com os padres Camillo Paladini e Guilherme Piguel, assim como das proprias notas que elle deixou manuscriptas. Figuram ahi questões de jurisdicção e de auctoridade que é inutil recordar, e vê-se quanto as rivalidades e interesses, que não são só os da religião, crearam desintelligencias, que não fazem a melhor pagina da historia das missões. Foi ameaçado o missionario portuguez de ser chamado aos tribunaes dos padres propagandistas; para comprometter e desacreditar todos os jesuitas portuguezes não se duvidou fazer valer a perseguição, que contra elles começava a levantar-se em Portugal, dando-os até como envolvidos nos attentados d'essa época contra a vida do soberano; na Cochinchina mesmo foram imaginados attentados semelhantes, e não se duvidou insinuar n'elles a complicitade dos missionarios portuguezes. Devia ser grande a influencia pessoal d'estes missionarios para não soffrer quebra a sua força moral com os indigenas no meio de taes dissensões, para resistirem a tão porfiada guerra, e manterem-se no meio d'ella, como conseguiram. Esta lucta, capitaneada de um lado pelo padre Loureiro, de outro por Halbout, vemos ter alguma vez serenado; sendo este obrigado a levantar uma censura que antes fulminára, na qualidade de vigario apostolico que então era, contra Loureiro, o qual ao mesmo tempo se compromettia a retirar certo papel, que para maior publicidade escrevera em latim e na lingua annamita, em sua defeza e na dos missionarios portuguezes, contra Halbout; o que parece fôra feito em termos que não haviam affligido pouco o padre propagandista.

Trinta e seis annos durou a missão de Loureiro na Cochinchina, se incluímos os dois de 1750 a 1752, em que fôra obrigado a retirar-se, como dissemos. Saiu em 1777 no mez de novembro, seguindo para Bengala, Pondichery e Cantão. Conservou-se na China ainda tres annos, partindo enfim para a Europa em março de 1781. Um temporal, que lhe sobreveiu no cabo da Boa Esperança, fez que arribasse a Moçambique, onde se demorou, até que no principio do anno im-



mediato pôde seguir para Lisboa com prospera viagem. Todos estes pontos de escala na sua derrota, e a demora que teve n'elles foram outras tantas oportunidades aproveitadas por Loureiro para enriquecer o thesouro das suas collecções e conhecimentos sobre historia natural, estudo que afinal se tornou o seu favorito e devia preparar o melhor dos seus trabalhos.

Depois de termos visto o que praticou Loureiro nos trinta e seis annos de missionario, que foi da religião e da sciencia, falta recordar o que fez como academico em dez annos de existencia, que ainda lhe restava percorrer.

Ainda na Asia, havia sido recebido membro da Sociedade Real de Londres, presidida então pelo seu amigo José Banks. Foi nomeado Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa em 4 de abril de 1781, quando em viagem regressava á patria. Investido em o novo e honroso encargo, que o seu paiz tanto lhe devia, não tardou em corresponder-lhe enriquecendo os Archivos da Academia com os fructos do seu dilatado estudo, fazendo por suas Memorias e mais publicações conhecer na Europa muitas coisas ainda então ignoradas, ventilando e esclarecendo por sua meditação e experiencia pontos de sciencia, que julgou poder tractar, e manifestando nos seus escriptos sempre a tendencia pratica e util que muito distingue a todos.

A especie que fornece as cubebas medicinaes, posto que assignalada por Bergius desde 1782 com o nome de *Piper caudatum*, não havia ainda sido descripta; descreveu-a primeiro Loureiro, que teve occasião de observar a planta crescendo no seu proprio jardim na Cochinchina. Nota elle e admira, que o não tivessem feito os botanicos hollandezes, Van Rheide, Rumphius, Burmann e Marcgrave, aos quaes não devêra faltar para isso oportunidade. Outra determinação por fazer era a da planta que fornece uma droga, muito estimada na Asia pelas qualidades aromaticas e outras que possui, o páu d'Aquila ou Calambac; essa determinação fel-a tambem Loureiro, que pôde ver e estudar a planta nas montanhas da Cochinchina, onde naturalmente existe, e a descreveu com o nome de *Aloexylon agallochum*. Por muito tempo não foi mais conhecida a procedencia da myrrha; a diligencia de a achar data dos tempos de Plinio e Theophrasto, continuou no de Linneo. Tentou resolver o problema Garcia da Horta sem comtudo o conseguir; de novo o fez Loureiro, que suppoz ser a especie que dá a myrrha um *Laurus*, a que chamou *Laurus myrrha*, mas não lhe coube tão pouco o acertar. Só mais recentemente conseguiu Ehrenberg colher os exemplares da planta, que estudados na Europa a deram a conhecer, sendo descripta com o nome de *Balsamodendron myrrha*.



São as orchideas plantas que, pelo parasitismo de muitas das especies, pelo modo de vegetação, em algumas inteiramente aereo, que lhes é proprio, e pela organização não menos singular, fixaram sempre a attenção dos que teem tido occasião de as observar nas culturas dos jardins, e sobretudo as contemplam nas florestas da America e Asia, pendendo enleadas graciosamente e de mil modos nos ramos das arvores. Ha n'esta ordem de plantas um interessante genero, que Loureiro primeiro assignalou e descreveu com o nome de *Aerides*; e em uma Memoria especial occupou-se da vegetação singular e mais particularidades da especie, que viu na Cochinchina e lhe serviu para caracterisar o genero.

Outro particular objecto da attenção de Loureiro, foi a introdução nas colonias portuguezas de plantas que se recommendavam por sua importancia e utilidade. No que a este respeito publicou, além de indicar as especies mais dignas de aproveitamento, desce miudamente á indicação de todos os cuidados, que é preciso empregar para a boa criação de viveiros, transplantação, cultura e melhor exploração das plantações. O algodão, o café, as especiarias, não haviam sido ainda introduzidos ou generalizados na cultura das muitas e mui extensas possessões coloniaes portuguezas, como depois o foram, creando a riqueza de algumas; são todos estes objectos especialmente por elle lembrados, e não teria concorrido pouco a lembrança para os resultados que assim foram alcançados. Com isto não perdeu tambem occasião de mostrar a importancia de haver nas colonias naturalistas e outros exploradores, que lhes estudem as producções e o clima, com o fim de avaliar convenientemente a riqueza de que são capazes. Assim o praticaram sempre de modo esmerado outras nações colonisadoras, assim o temos feito tambem, nós os portuguezes; mas da nossa parte, deve dizer-se, nem sempre com a effectividade e espirito de systema, que só asseguram o melhor resultado. Tem para isso concorrido, deve reconhecer-se, a menor inclinação e gosto, que em geral temos manifestado pela cultura e bons estudos das sciencias que para esse fim mais servem, as sciencias naturaes. Exprimiu-o Loureiro, quando na Flora Cochinchinense diz, que Garcia da Horta tivera poucos imitadores, e a botanica em Portugal ficára sendo saudada apenas á entrada «vix a limine.» Corrêa da Serra, Brotero e a escola que estes distinctos homens de saber inauguraram só appareceram depois.

Os escriptos do padre Loureiro a respeito de todos estes assumptos e de outros mais, que' elle tratou, foram impressos nos tomos I e II das Memorias de Physica e de Mathematica da Academia, assim como no I das suas Memorias Economicas. A ultima publicação, e tambem a mais valiosa, foi a da



Flora da Cochinchina, que elle dedicou á corporação scientifica, que tanto ennobrecceu.

A obra de Dioscorides, commentada por Laguna, Rajo, e Tournefort, foi o unico livro que teve Loureiro para o primeiro estudo, que tentou fazer, das plantas medicinaes. O importante auxilio, que devia receber para este estudo, do conhecimento das obras de Linneo, houve-o de um capitão de navios inglez, Thomaz Riddel, que lhe levou o primeiro exemplar que veio a possuir do *Genera plantarum*. Foi o mesmo capitão Riddel, que o pôz em relação com José Banks, o celebre naturalista e presidente da Sociedade Real de Londres, que no fim do seculo passado e principio d'este tanto impulso deu aos progressos da historia natural, empenhando n'isso muito cabedal de intelligencia e de fortuna, e a influencia da elevada posição social que occupava. Uma primeira remessa de plantas com as respectivas descrições, que Riddel levára da Cochinchina ao presidente da Sociedade Real, servira a este para apreciar o merecimento de Loureiro e a sua disposição para os trabalhos botanicos. Desde então uma correspondencia regular e permanente se estabeleceu entre os dois naturalistas, a qual foi para ambos origem de importante commercio de conhecimentos e de informações, e para Loureiro um incitamento, que devêra contribuir não pouco para lhe sustentar a vocação scientifica que mais o dominou. Nas cartas de Banks que ainda se conservam, vê-se o respeito e consideração que o naturalista inglez tributa a Loureiro, a affeição mesmo com que o trata. Muitas vezes o convida a ir a Londres, onde lhe assegura o melhor acolhimento, e a mais efficaz cooperação na publicação das suas obras; mas, como consta de uma nota escripta do proprio punho do abbade Corrêa, alguma vez lhe ouvira este não haver Loureiro aceitado o offerecimento por se considerar no ultimo quartel da vida, e querer morrer na sua patria.

Além da correspondencia com o presidente da Sociedade Real de Londres sustentou Loureiro relações com o naturalista sueco, Daniel Solander, um dos que acompanhou o celebre capitão Cook nas suas viagens, e que auxiliou tambem José Banks nos seus trabalhos como naturalista. Outra correspondencia util, e muito grata para elle, devia ser a que igualmente teve com seu bom amigo, o capitão Riddel, que tantos serviços prestou, levando-lhe livros, facilitando-lhe as suas outras correspondencias para a Europa, e offerecendo-lhe, como por vezes o fez, meios de passagem a bordo do seu proprio navio, para o conduzir á Inglaterra, onde tanto era desejado.

Da primeira remessa para Inglaterra e Suecia dos exemplares de umas ses-



senta especies se faz menção na *Materia Medica* de Bergius, e no *Supplementum Plantarum* de Linneo filho. Esta remessa foi feita em 1774, e em 1778 teve lugar outra de Cantão, que representava duzentas e trinta especies então reputadas novas. A residencia em Cantão durante tres annos deu a Loureiro occasião de estudar a parte visinha da flora da China, e para isso serviu-o um hervolario do paiz, que ia fóra da cidade em demanda das plantas, e trazia com ellas as necessarias indicações, quanto á habitação, nomes triviaes, e o mais de que podia informar. De modo semelhante se houve em Cambodia, Champava, Bengala, no Malabar, Sumatra e em Moçambique, sendo isso a causa de apparecerem plantas d'estas regiões e as da Cochinchina, reunidas todas na Flora que publicou d'este reino da Asia.

Antes da Flora Cochinchinense havia Loureiro escripto o que intitulára *Nova Genera Plantarum*, que elle remetteu para Londres, pedindo ser alli impresso. Não se verificou esta impressão, porque pelo conselho de seus amigos, de José Banks especialmente, pareceu conveniente não o fazer sem rectificações, que a sua delicadeza não lhes permittia effectuar, e que só deviam ser executadas pelo proprio auctor á vista de livros e outras informações que na Europa e em Londres unicamente lhe seria possivel consultar; sendo isso mais um motivo para elles insistirem em que Loureiro ali fosse. Diz-se que alguém vira nas mãos de Banks o manuscripto do *Nova Genera*, e juntamente a Historia Natural e Civil, assim como uma Carta Geographica da Cochinchina, que haviam sido compostas e enviadas ao seu amigo de Londres por Loureiro. Do manuscripto do *Nova Genera* apparecem fragmentos entre os papeis existentes no Archivo da Academia. Nem a sciencia porém, nem a memoria do auctor, perderam talvez com a falta d'esta impressão, por quanto na Flora Cochinchinense deviam ser reproduzidos os objectos do *Nova Genera*, e naturalmente mais rectificados.

A Flora Cochinchinense, offerecida pelo auctor, como ficou dito, á Academia, foi impressa na sua typographia no anno de 1790. Não foi acompanhada de estampas, o que é para sentir, e faz falta n'este genero de obras. Do hervario, que teria servido para organizal-a, e que, bem conservado, seria um meio precioso de verificação e de estudo, restam apenas fragmentos no museu da Academia, nos de Londres e Paris, e provavelmente tambem n'outros da Europa; mas geralmente em mau estado. São mil e quatrocentas as especies cochinchinenses, duas mil ao todo as que são indicadas e descriptas na Flora de Loureiro; e são seiscentos setenta e dois os generos, quatrocentos oitenta e nove dos quaes reconhecidos linneanos, cento oitenta e tres reputados novós.



Examinando as alterações por que deve ter passado o objecto d'este trabalho, em attenção aos de outros naturalistas contemporaneos ou anteriores a Loureiro, e de que elle não pôde ter noticia, ao seu insufficiente ou nenhum conhecimento das plantas europeas que serviram de typo ás descripções linneanas, ao progresso que depois teve a sciencia phytographica, e consultando por fim nos livros auctorizados quaes sejam essas alterações, chega-se ao seguinte resultado.

Dos cento oitenta e tres generos de Loureiro, cem são ainda hoje recebidos como elle os constituiu, trinta e dois foram reconhecidos generos de Tournefort e de Linneo, e cincoenta e um, ou eram generos já assignalados por outros observadores, ou precisaram ser de novo constituídos.

Nos generos assim já formulados, ou que de novo o foram, figuram os nomes de Ad. Jussieu, Willdenow, Thunberg, Swartz, Aiton, Roxburgh, Rumphius, Commerson, Banks, Sprengel, Fortz, Blume, Jacquin, Robert Brown, L'Heritier, Murray, Miller, Michelli, Guertner, Endlicher, e De Candolle. Ha tambem especies, referidas por Loureiro a generos linneanos, que Willdenow supõe pertencerem a generos distinctos, como são o *Hippuris indica*, o *Ziziphora siliquosa*, e as especies encorporadas nos generos *Lechea*, *Tournefortia*, *Sideroxylon*, *Cedrella*, e *Flagellaria* de Linneo. Além d'estas especies outras ha de generos linneanos, que Loureiro tomou como especies tambem linneanas e europeas, e que muito provavelmente o não são, ou foi mesmo reconhecido já não o serem. As defficiencias eram inevitaveis nas condições em que o trabalho foi feito; com ellas porém deixa vêr este resumo em quanta maior proporção foram os factos de novo adquiridos de modo positivo para a sciencia, e como assim se tornaram valiosos os serviços do padre Loureiro na obra que empreendeu e levou a cabo.

A Flora Cochinchinense foi tambem impressa em Berlin em 1793, e ali anotada pelo distincto botanico e professor, Carl. Ludov. Willdenow. No prefacio lembra o editor os importantes serviços feitos ás sciencias historico-naturaes por Jacquin, Koenig, Forskal, Pallas, Mutis, Banks, Thunberg, Aublet, Commerson, Swartz, e tantos outros, que se assignalaram durante a segunda metade do seculo ultimo nas viagens e expedições scientificas, que então obtiveram tão notavel desenvolvimento; e acrescenta depois, como entre tantos se avantajou Loureiro. Nota quanto elle acrescentou ao que era conhecido e se achava registrado nas obras de Linneo, nas de Schreber seu continuador; e sem desconhecer as faltas que não podiam ser evitadas na posição em que Loureiro trabalhou e escreveu, admira quanto este laborioso naturalista alcançou fazer «*Mirandum est*



*sane* (palavras textuaes) *virum omnibus libris destitutum tam erudite de plantis potuisse judicare.*» A edição de Berlin reproduziu escrupolosamente a obra de Loureiro, e só por meio de notas fez Willdenow as observações criticas, que julgou dever acrescentar a respeito de um ou outro genero e especie, que pareceram menos rigorosamente determinados.

O trabalho de Loureiro foi tambem objecto do estudo e exame critico de M. A. L. de Jussieu, e ás observações, feitas e publicadas nos Annaes do museu de historia natural, junta o auctor um não menor testemunho de respeito e de admiração pelo insigne naturalista portuguez. Recentemente em uma das excellentes publicações do sr. Hooker filho, a Introducção á Flora da India, fazendo a enumeração dos que mais concorreram para o conhecimento das floras da Asia, não esquece o distincto botanico inglez a parte assignalada que a Loureiro cabe por ter desenvolvido n'este estudo e indagação um zelo, de que, diz elle, são infelizmente poucos os exemplos *«with a zeal of wich we have unfortunately too few instances.»* São n'este sentido unanimes quantos teem tido occasião de falar do padre João de Loureiro, e de apreciar os seus trabalhos.

Quando Loureiro imprimiu a sua Flora devia contar oitenta annos de idade, tão bem o serviu até o ultimo periodo da vida a força da sua intelligencia. Um anno depois não existia. Falleceu a 18 de outubro de 1791. Verificou-se assim o termo da vida de tão prestante varão e distincto socio d'esta Academia em Lisboa, n'uma obscura casa da freguesia de Santa Engracia, onde acabou pobre, não lhe aproveitando sequer algum producto da venda do seu melhor livro, valor que muito lhe pertencia e vemos reclamára, como meio de acudir a instantes necessidades. Foi a sorte de tantos outros, e por lettras dos mais distinctos, não podia o padre João de Loureiro fazer-lhes excepção. A patria foi-lhe talvez ingrata; não obstou isso, porém, a que elle consagrasse ao seu serviço, e ao credito de seu nome, todos os recursos e faculdades de que dispoz na dilatada existencia que empregou, até o ultimo momento, de modo tão proficuo como glorioso para os que lhe succederam.







## DOCUMENTOS

---

### I

Ao amor pela memoria das glorias litterarias do paiz, que especialmente distingue um benemerito academico, o sr. Manuel Bernardo Lopes Fernandes, se deve a conservação dos documentos que salvam do esquecimento parte da historia biographica do padre João de Loureiro. Já serviram estes documentos para a noticia que d'elle publicou o sr. A. A. Teixeira de Vasconcellos a pag. 31 do vol. II da *Illustração*, Jornal universal, em 23 de maio de 1864; noticia de penna tão habil como conhecida, mas então limitada ao apontamento resumido dos factos mais notaveis d'esta biographia. Não me consta que outra fosse publicada n'este assumpto, posto que se dissesse existir alguma traçada pelo abbade Corrêa da Serra. Julga o sr. Lopes Fernandes, e torna-se provavel, que o fundamento d'esta ultima supposição fosse uma curta noticia, escripta com effeito pelo abbade Corrêa, e cujo autographo aquelle digno academico conserva em seu poder, mas que nunca foi publicada. Este documento, interessante pelo objecto e pela pessoa que o escreveu, merece ser archivado pela imprensa, e por isso aqui o reproduzimos.

A observação, feita pelo auctor da nota, a respeito do pouco que era sabido do padre Loureiro, como missionario na Asia, está em harmonia com a falta quasi de noticias n'esta parte, sempre que d'elle se escreveu ou fallou depois; e tudo isto mostra igualmente quanto se ignorou ou esqueceu a existencia dos documentos que a Academia possui, e nos quaes podemos achar não poucas d'essas noticias. Muito mais do que constou ao abbade Corrêa é o que existe registrado nos archivos estrangeiros a respeito do nosso illustre missionario, como pôde vêr-se de uma carta escripta pelo reverendo padre Bazin, jesuita francez muito illustrado, ao qual por pedido nosso se dirigiu em Paris, com o fim de obter esclarecimentos no assumpto, um respeitavel amigo, e entre nós bem co-



nhecido cavalheiro, o sr. Arthur Morelet. Esta carta, adiante transcripta, revela factos, todos em harmonia com os que referimos e que foram deduzidos de outra origem.

*Nota attribuida ao abbade Corrêa da Serra, cujo autographo existe em poder do sr. Manuel Bernardo Lopes Fernandes.*

As unicas noticias que podem ter-se do padre Loureiro, dadas pelo reverendo João de Valladares, assistente em casa do eminentissimo cardeal patriarcha, e contemporaneo na primeira idade do mesmo padre Loureiro, são, que elle é nativo de Lisboa, filho d'um letrado, e estudou as primeiras lettras no collegio de Santo Antão, e era exemplarissimo entre seus companheiros nos bons costumes, e conhecido de todos por tal. Fez-se jesuita no anno de 1732. Tinha n'aquelle tempo uma voz pessima e ingratisima, que dava pena a ouvir-se, quando lia em voz alta; mas um dia de repente, com maravilha de todos, appareceu lendo com boa voz, clara e suave. Foi fama, que esta mudança elle a obtivera por favor particular do ceo, em virtude d'um voto que fizera: mas o certo é que elle immediatamente pediu aos seus superiores a licença de ir para as missões da India, para onde partiu logo, e aonde passou toda a vida até estes ultimos annos. Da India nada se sabe senão, em geral, que elle foi lá optimo missionario, e operario incansavel n'aquella vinha.

O reverendo padre João de Loureiro me contou, que para o exercicio da sua missão, entre os povos da Cochinchina, lhe foi necessario figurar-se medico, afim de poder entrar sem suspeita nas casas dos christãos, a quem ia ministrar os sacramentos; mas que para evitar o damno que podia causar aos gentios, que o chamassem para cural-os em suas enfermidades, se applicára aos estudos da botanica, servindo-se de Dioscorides. Que alguns annos depois de já conhecer muitas plantas, e suas virtudes medicinaes, lhe dera um capitão de navio inglez um *Genera Plantarum* de Linneo, da 1.<sup>a</sup> edição. Este mesmo capitão de navio, tendo conhecimento de José Banks, pediu alguns exemplares das plantas cochinchinenses ao padre Loureiro, para as apresentar ao dito Banks; o padre Loureiro lh'as deu juntamente com as suas descrições; e José Banks reconhecendo o merecimento do botanico portuguez lhe escreveu pelo dito capitão, e ficou em correspondencia com elle até ao fim da sua vida, convidando-o muitas vezes para que fosse com elle viver em Inglaterra, convite que o padre nunca



aceitou, dizendo-me, que estava no ultimo quartel da vida, e que queria morrer na sua patria.

Contou-me, que nas suas viagens pelo interior da Cochinchina tivera a curiosidade de tirar por partes a carta geographica d'aquelle reino, e que por observações astronomicas determinára as latitudes d'algumas das suas povoações principaes; e que tudo isto conservava nos seus borrões, em papeis diversos.

*Carta do reverendo padre Bazin de Paris ao sr. Arthur Morelet a respeito de J. de Loureiro.*

Monsieur. Après d'assez longues recherches infructueuses j'ai trouvé sur le P. de Loureiro quelques renseignements que je me fais un plaisir de vous transmettre, malheureusement ils sont fort incomplets.

Le P. de Loureiro appartenait à la mission de la Cochinchine. En 1750 une violente persécution ravagea cette florissante mission. Des démarches imprudentes et déloyales de plusieurs marchands européens, indisposèrent le roi qui avait pour favori un ennemi déclaré des chrétiens. Les missionnaires furent exilés, à l'exception du P. Koffler que le roi garda auprès de lui comme son médecin.

En 1752 le P. de Loureiro profita d'un moment de calme pour rentrer dans la mission, avec le P. de Monteiro qui était aussi un savant distingué. Le P. Loureiro, naturaliste et médecin, donna des soins aux malades et bien accueilli du roi il fut d'un grand secours aux chrétiens, jusqu'en 1779, époque où il quitta la Cochinchine. Le roi qui l'aimait l'établit à la cour directeur des sciences physiques, et il le laissait, se livrer aux fonctions de son ministère à la condition de le faire sans bruit.

Le P. Loureiro en 1784 arriva en Portugal et devint membre de l'Académie royale des sciences de Lisbonne. Cette Académie publia en 1790 sa *Flora Cochinchinensis*.

Quant aux difficultés et aux rivalités dont vous me parlez, je n'ai rien trouvé. La position exceptionnelle du P. de Loureiro pourrait bien les laisser soupçonner. Je vois seulement qu'en 1765 l'évêque de Canathe, vicaire apostolique de la Cochinchine, put faire sa visite pastorale dans les provinces du royaume, et que la crainte d'une nouvelle persécution le fit se retirer dans la Camboge, pendant que le P. de Loureiro restait auprès du roi. Je regrette beaucoup, monsieur, de n'avoir rien de mieux à vous envoyer. Si mes recherches me faisaient



découvrir quelques faits intéressants je m'empresserai de vous le dire. Agréé etc.  
Paris 8 oct. 1864. *Bazin.*

## II

Outro autographo em poder do sr. Manuel Bernardo Lopes Fernandes é o do rascunho de uma carta do padre Loureiro, escripta ao governador de Macau, a qual revela a época em que elle partiu para a Asia, o largo periodo de mais de quarenta annos, em que ali residiu, e a situação em que o deixára a perseguição que a sua Ordem experimentava então por toda a parte.

Épocas precisas de fixar eram tambem as do nascimento e morte do nosso missionario; a primeira só por estimativa ficou sendo sabida, a segunda porém foi determinada rigorosamente, por se ter podido alcançar a certidão do obito, graças ás particulares diligencias para isso empregadas pelo sr. Lopes Fernandes, que foi achar esse documento nos archivos da freguezia de Santa Engracia. O que d'elle se collige ficará constando da cópia que julgámos conveniente registrar.

### *Cópia d'uma carta do padre João de Loureiro ao governador general de Macau.*

... Governador general. Ainda que não tive a felicidade e honra de conhecer pessoalmente a v. s.<sup>a</sup>, recebi porém muita no trato e amizade com o sr. João de Saldanha, irmão de v. s.<sup>a</sup>, em duas viagens que fez a esta terra em tempos mais prosperos, ha perto de 30 annos, por cujo respeito espero da generosidade de v. s.<sup>a</sup> não deixará de favorecer, sendo possivel, a quem se vê perseguido da fortuna sem ter dado causa, por não ter concorrido, nem ainda podido concorrer, para as novidades e mudanças da Europa, d'onde me ausentei ha 40 annos para logar tão distante e incommunicavel, como é a Cochinchina.

Sr., diversas razões me persuadem a voltar para a Europa no anno seguinte, o que espero conseguir na passagem em algum navio inglez para Londres. A difficuldade está no que em outra occasião não havia alguma, isto é, na passagem d'aqui para Cantão, pois julgo que para o anno seguinte não virão somas chinas contratar a esta terra (como sempre costumam vir, e nas quaes não seria difficil a passagem) por se achar este reino em grande miseria de fome e guerra, e por tanto incapaz para o commercio. O que supposto, rogo e espero



da benignidade de v. s.<sup>a</sup> me queira permittir o voltar no barco de Macau até a Taipas, e d'ali irei em uma embarcação china para Cantão, no caso que ainda existam as ordens do superior governo, que não me permittam entrar em Macau, e beijar a mão a v. s.<sup>a</sup> pelo favor. A magnanimidade de v. s.<sup>a</sup> não deixará de socorrer (podendo) a quem se confessa necessitado da sua protecção; e eu me reconhecerei sempre obrigado e prompto para obedecer ás ordens de v. s.<sup>a</sup>, cuja pessoa guarde Deus por muitos annos, etc. De v. s.<sup>a</sup> muito humilde servo e venerador. *J. L.* Da Cochinchina 13 d'agosto de 1775.

*Certidão d'obito do padre Loureiro.*

A fol. 36. v. do Livro 7.<sup>o</sup> dos assentos dos obitos da Freguezia de S.<sup>ta</sup> Engracia de Lisboa encontra-se um do theor seguinte:

Aos dezoito dias d'outubro falleceu repentinamente, na rua do Sol desta Freguezia de S.<sup>ta</sup> Engracia o padre João de Loureiro, e foi sepultado nesta Ermida que serve de Parochia, e isto foi de 1791. O Cura Beneficiado, José Borges.

Foi extrahido verbo ad verbum em 4 de Março de 1845. O Prior Antonio Feliciano da Silveira Gusmão.

III

A carta que immediatamente se transcreve, e que Loureiro dirigiu de Cantão ao seu amigo Perry, denuncia o destino que elle deu ao seu manuscripto, *Genera plantarum*, assim como a remessa de plantas com que enriquecêra os museus da Europa. O manuscripto de Loureiro foi ás mãos de Banks, o qual, em carta de 22 de dezembro de 1782 lhe dá os melhores conselhos a respeito da publicação, para a qual o convida a ir a Londres, aonde, lhe diz, só acharia os meios de a fazer convenientemente. Uma passagem d'esta carta de Banks é tambem um documento da conta em que eram tidos então os nossos recursos de sciencia em Portugal. Em vez de a encobrir julgamos prestar melhor serviço ao bem entendido amor proprio nacional, fazendo-a conhecida, por ser infelizmente verdade para essa época, e não só para ella, o que de nós dizia um homem de sciencia e de character muito respeitavel, qual foi o presi-



dente da Sociedade Real de Londres, José Banks. E a prova d'essa verdade está ainda no modo porque Loureiro foi coadjuvado, entendido, e victoriado em sua vida e depois d'ella por estranhos, especialmente os inglezes, sendo-o tão pouco, e quasi assim até hoje, por nacionaes. São as expressões de Banks. «I hear the customs of Lisbon, the nation in general not being much addicted to learning, and the scarcity of books wich I noticed when I was there in 1766, will make your publications more difficult as well as less useful effected there.»

*Carta do padre Loureiro ao sr. Perry. O autographo existe no archivo da Academia*

Sr. Perry. Em primeiro logar desejo a vm.<sup>ce</sup> boa viagem e que chegue com boa saude a vêr a sua casa e familia.

Como vm.<sup>ce</sup> me faz tanto favor, lhe peço que chegando a Londres tenha cuidado de mandar entregar o mais cedo que puder ao meu amigo o Sr. Thomaz Riddell, a minha carta com o livro manuscripto n'ella incluso, *Genera Plantarum*; e se elle estiver na sua casa em Escocia de remetter-lh'a para ter resposta do que elle determinar: e juntamente com o dito Sr. ter cuidado de imprimir o dito manuscripto, tendo primeiro rogado a algum Sr. seu amigo sciente em materia botanica, que lêa o dito livro e faça as correccões que julgar mais necessarias para se dar ao prelo, o que eu aqui não posso fazer por falta de livros recentes e homens doutos com quem possa consultar. Se, porém, o Sr. Riddell estiver ausente em maior distancia fóra de Inglaterra e Escocia, vm.<sup>ce</sup> tome o caixote que remetto com as plantas seccas, que mando com título ao Sr. Riddell; e tirando fóra um pequeno cofre com 22 peças curiosas de Cochinchina n'elle inclusas, o mande entregar de presente a mistress Riddell juntamente com a carta que escrevo ao Sr. Riddell: tendo primeiro aberto a dita carta para tirar o livro que deve ficar na mão de vm.<sup>ce</sup> para se mandar imprimir. O caixote de plantas (estando ausente o Sr. Riddell) deve ficar na mão de vm.<sup>ce</sup> para mandar delinear uma ou duas plantas de cada classe, e ajuntar a dita delineação e figura ao livro que se imprimir.

Desejo que o dito livro seja dedicado á Sociedade Real de Sciencias em Londres, e não fiz aqui a dedicatoria por não saber os termos com que se costuma fallar áquella respeitavel Congregação de sabios, e por ignorar juntamente se será d'elles bem acceito o meu offerecimento e dedicatoria. Se porém vm.<sup>ce</sup> en-



tender que terá boa acceitação com os ditos sabios, vm.<sup>co</sup> póde lá mandar fazer em meu nome a dedicatória por alguma pessoa intelligente. Eu tenho desejo de servir a dita Sociedade Real, e como tenho vivido mais de 40 annos n'estas terras da India, principalmente no reino da Cochinchina, tenho alguma experiencia do que toca á sciencia natural n'estas terras, e me offereço para servir e obedecer á dita respeitavel Sociedade em qualquer cousa que me queiram ordenar n'esta materia, quando tenha a honra e fortuna de ser admittido por seu associado.

Tendo-se ajustado o modo da impressão do meu livro *G. Plant.* póde vm.<sup>co</sup> e o Sr. Riddel offerecer o caixote de plantas seccas ou á Sociedade Real ou ao Museu Britannico, ou em qualquer outro logar em que possa servir para utilidade e progresso da Sciencia Natural, como melhor lhe parecer.

#### IV

Entre as cartas dirigidas a Loureiro pelos homens de sciencia, com os quaes se correspondia, escolhemos mais as que se seguem, por serem especialmente proprias para mostrar o conceito em que o tinham, a attenção e respeito com que o tratavam.

São essas cartas de José Banks e Daniel Solander: um, presidente que foi muito distincto da Real Sociedade das Sciencias em Londres; ambos companheiros do capitão Cook nas viagens que tão celebradas foram, e naturalistas que muito se assignalaram na sciencia por esse e outros modos.

*Carta de José Banks a Loureiro. O autographo existe no archivo da Academia.*

Soho Square. May 12-1780. Sir. The many advantages which I have heard from your learned labours in the science of botany, and the great reputation which we in England have heard of your proficiencie in other branches of science and literature, have inspired me and several of my countrymen with an ardent desire to see you here to receive from your mouth and pen the many instructions which you are so capable of giving. Excuse then my zeal when I take pen in hand to assure you with what pleasure we should receive a man whose repu-



tation has so long waited in Europe for his arrival. I am encouraged to hope that we may possibly see you here soon by my friend M.<sup>r</sup> Perry, who brought over the last set of descriptions of Plants from Cochinchina: he assures me that you have expressed an inclination to visit England in consequence of which I venture to assure you that you will be most welcome to me and many of my friends whenever you shall execute that intention. Thanking you sir for the fruits of your labour (the Cochinchina descriptions of plants) which I shall use only for the advancement of your reputation give me leave to subscribe myself.

Your faithful servant and obliged friend. *Joseph Banks.*

*Carta de Daniel Solander a Loureiro. O autographo existe no archivo da Academia.*

Dear Sir. You cannot imagine what pleasure you have afforded us who are fond of Botany; and I am not a little proud of having been one of the first who became acquainted with your uncommon abilities. I think myself much obliged to our common friend Captain Riddell for being instrumental therein, nor can you conceive how much we long for the happiness of seeing you in this part of the world. Dont delay your voyage to Europe any longer, but favour us soon with your arrival. If you have not already agreed for a passage, I am sure Capt. Clements would make it very agreeable to you. He is much esteemed here for his politeness and real love of mankind. I hope my friend Dr. James Lind of the Atlas Indiaman, has been favoured with your acquaintance. He is a man we all love and I dont doubt but you have found pleasure in his conversation. You have already done so much good to science and know so well how to do it, that I will not mention how happy you would make us all by part taking of your knowledge and conversation, I therefore will only add a further request in begging that you will not defer any longer the favour you have promised us of a visit. I am with the warmest friendship, my dear sir, your most humble servant and sincere wellwisher.—*Daniel Solander.* London may 13—1780.



## V

## MEMORIAS E MAIS PUBLICAÇÕES DO PADRE JOÃO DE LOUREIRO

Da incerteza que ha ácerca da origem da gomma myrrha. Dá-se noticia de um arbusto que tem as mesmas qualidades e virtudes. Mem. de Mathem. e de Phys. da Acad. tom. 1, pag. 379.

Da origem botanica, formação physica e uso do pau de Aguila. Mem. de Mathem. e de Phys. da Acad. tom. 1, pag. 402.

Memoria sobre uma especie de petrificação animal. Mem. de Phys. e de Mathem. da Acad. tom. 11, pag. 47.

Exame physico e historico se ha ou tem havido no mundo diversas especies de homens? Mem. de Mathem. e de Phys. da Acad. tom. 11, pag. 56.

Descripção botanica das cubebas medicinaes. Mem. de Mathem. e de Phys. da Acad. tom. 11, pag. 82.

Consideração physica e botanica da planta *Aerides*, que nasce e se alimenta no ar. Mem. de Mathem. e de Phys. da Acad. vol. 11, pag. 88.

Observationes astronomicae a J. de Loureiro, Soc. Jesu, in Regno Cochinchinae habitae in urbe Sinoae Regis sede. Mem. de Mathem. e de Phys. da Acad. vol. 11, part. 11, pag. 1.

Flora Cochinchinensis, sistens plantas in regno Cochinchina nascentes, quibus accedunt aliae observatae in Sinensi imperio, Africa orientali, Indiaque locis variis; omnes dispositae secundum systema sexuale linnaeanum labore ac studio Joannis de Loureiro, Regiae Scientiarum Academiae Ulyssiponensis Socii; olim in Cochinchina Catholicae Fidei Praeconis: ibique rebus Mathematicis, ac Physicis in Aula Praefecti. Jussu Acad. R. Scient. in lucem edita. Ulyssipone MDCCXC.

A Flora Cochinchinense teve uma outra edição em Berlim, que foi publicada com o mesmo titulo da de Lisboa, ao qual acresce o seguinte:

Denuo in Germania edita cum notis Caroli Ludovici Willdenow, Med. D. Societ. Nat. Scrut. Turicens. Berol. Halan. Socii. Berolini, impensis Haude et Spener, prostatque Parisiis, apud J. J. Fuchs, Bibliopolam in Ripa Augustinorum MDCCXCIII.

N'esta edição de Berlin o illustre editor, C. L. Willdenow, reproduziu fiel-



mente a edição de Lisboa, e só em notas ajuntou as observações criticas que julgou dever fazer nos casos de determinação duvidosa, não avultando muito essas notas.

Outro commentador á Flora de Loureiro foi M. A. L. de Jussieu no que publicou com o titulo: *Note sur quelques genres de la Flore de Cochinchine de Loureiro, qui ont de l'affinité avec d'autres genres connus*. Existe esta nota no jornal, *Annales du Muséum d'Histoire Naturelle*. Tom. xi, 1808, pag. 74-76, pag. 150-152, pag. 231-236, pag. 327-328. Tom. xii, pag. 68-72, pag. 337-340. Diz Jussieu, que de 186 generos que Loureiro descreveu como novos, a maior parte ficariam provavelmente assim considerados; alguns porém seriam generos já conhecidos. Presume que as especies de *Aglaia* de Loureiro serão o *Camunium sinense* de Rumphius e algumas especies de *Vitex*. Approxima a *Citta* Lour. da *Mucuna* Adans, da *Herrera* Necker, da *Negretia* Ruiz e Pavon; a *Knema* Lour. da *Myristica* Linn., o *Tetradium* Lour. do *Epibaterium* Forst., o *Adenodus* Lour. do *Elaeocarpus* Linn., o *Gemella* Lour. do *Aporetica* Forst., o *Anoma* Lour. da *Moringa* Burm, da *Guilandina* Linn.; o *Nephraia* Lour. do *Menispermum* Tourn., o *Melodorum* Lour. do *Asimina* Adans, o *Desmos* Lour. do *Unona* Linn. Todos estes objectos porém teem sido depois mais definitivamente julgados, e esse julgamento não confirma menos o que fizera Jussieu, de que a maior parte dos generos instituidos como novos por Loureiro, ficariam na sciencia assim considerados, e só um numero menor d'elles seriam reconhecidos já descriptos.

## VI

### OS HERBARIOS DE LOUREIRO

Das plantas que Loureiro remettêra da Asia existe na Academia das Sciencias de Lisboa um pequeno numero, de que damos a relação. Ha outra porção no Museu de Paris, cuja lista, d'elle alcançada pelos cuidados do sr. Arthur Morelet, igualmente publicamos. Além d'estas plantas devem existir algumas no *British Museum* em Londres, e talvez existirão por outras partes. Das que se conservam em Lisboa, em Paris e em Londres, dá noticia, no *Musée botanique de B. Delessert*, o auctor d'essa obra e conservador do interessante estabelecimento a que ella se refere, o sr. A. Lasègue, a pag. 323, 348. Conforme o proprio testemunho d'este auctor os dois fragmentos do herbario de Loureiro



teriam existido primitivamente reunidos no Museu de Lisboa, e talvez os acompanhasse então porção maior de plantas de egual procedencia. Diz o sr. Lasègue que a porção d'este herbario actualmente no Museu de Paris é a menor das duas, existentes ali e em Lisboa; de facto porém não succede hoje assim, por quanto possuímos apenas trinta e sete exemplares d'estas plantas, sendo as de Paris mais de oitenta. Se com effeito as duas porções de plantas fizeram parte da mesma collecção, como tudo o indica, não é difficil atinar com a origem da separação. Mas não sirva isso para recordar um facto que deve ser tido unicamente em conta dos accidentes de guerra, e que para nós teve sobeja compensação no modo por que estes preciosos restos, documento da actividade e zêlo scientifico do nosso missionario, teem sido respeitosamente conservados no Museu de Paris, onde acharam quem tanto os soubesse apreciar, e muito os aproveitasse em beneficio da sciencia de todos. Na lista que damos das plantas de Loureiro existentes em Lisboa, vão os nomes que achámos escriptos com a propria letra de Loureiro nos papeis que envolvem cada um dos objectos; e como estes nomes não são sempre os da *Flora Cochinchinensis*, ajuntámos os que ahi vem, e lhes correspondem, á vista das descripções confrontadas com os caracteres verificados pelo estudo dos exemplares; procedendo assim de modo analogo ao que fôra praticado para a lista das plantas de Paris por Antoine Laurent de Jussieu, na revista que se diz fizera d'essas plantas o distincto botanico francez.

*Lista de 37 plantas de Loureiro conservadas no Museu da Academia Real  
das Sciencias de Lisboa*

Nomes escriptos por Loureiro	Nomes determinados pela comparação dos objectos com o texto da Flora Cochinchinense
Amomum arboreum—Sumatriae	Amomum Arboreum Lour.
Amomum— <i>Me tlé</i>	Amomum Globosum Lour.
Amomum galanga— <i>Cây Rieng</i>	Amomum Galanga Lour.
Amomum— <i>Mé tlé bà</i>	Amomum Hirsutum Lour.
Abrus precatorius— <i>Daù dó</i>	Abrus Precatorius Lour.
Casuarina africana	Casuarina Africana Lour.
Caesalpina Sapã	Caesalpina Sappan Lour.
Cephalanthus Dioicus— <i>Deei Tróp</i>	Cephalanthus Procumbens Lour.
Cephalanthus Stellatus— <i>Ri-ri bou gaó</i>	Cephalanthus Stellatus Lour.
Convolvulus— <i>Bim bim lá dua</i>	Convolvulus Aggregatus Lour.



Nomes escriptos por Loureiro

Nomes determinados pela comparação dos objectos  
com o texto da Flora Cochinchinense

Curcuma longa	Curcuma Longa Lour.
Curcuma rotunda	Curcuma Rotunda Lour.
Dimocarpus Longan— <i>Cây Nhon</i>	Dimocarpus Longan Lour. — Euphoria longa Lamk.
Erythrina— <i>Cay boung</i>	Erythrina Corallodendrum Lour. — Ery- thrina Indica Lamk.
Flagellaria catenata— <i>Mây báóc</i>	Flagellaria Indica Lour.
Flagellaria repens— <i>Mây báóc bò cây</i>	Flagellaria Repens Lour. — Pothos scan- dens Spreng.
Flagellaria petraea— <i>Mây dá</i>	
Grammicarpus— <i>Dâu Chi</i>	Coronilla Cochinchinensis Lour.
Laurus Caryophyllata— <i>Cay ranh ranh</i>	Laurus Caryophyllus Lour.
Laurus curvifolia— <i>Mieng Sanh Caõ Lá</i>	Laurus Curvifolia Lour.
Laurus cinnamomum	Laurus Cinnamomum Lour.
Laurus myrrha	Laurus Myrrha Lour. — Tetranthera trin- nervia Spreng.
Melodorum— <i>Bõ giẽ</i>	Melodorum Fruticosum Lour.
Michelia Champava— <i>Hoa Sú</i>	Michelia Champava Lour.
Melastoma— <i>Cây Mua</i>	Melastoma Septemnervia Lour.
Ploca amentacea— <i>Dái màm</i>	
Phyllodes placentaria	Phyllodes Placentaria Lour.
Poinciana pulcherrima— <i>Hoa phung</i>	Poinciana Pulcherrima Lour.
Piper— <i>Tico bõ</i>	Piper Nigrum Lour.
Piperis species— <i>Tlàu</i>	Piper Betle Lour.
Ruhelia— <i>Sài hó</i>	Ruellia Antipora Lour.
Tabernaemontana— <i>Sung tlân bò</i>	Tabernaemontana Bovina Lour.
Tamarindus— <i>Me</i>	Tamarindus Indica Lour.
Uvaria— <i>Mu tru</i>	Uvaria Zeylanica Lour.
Van pi Sinensis	
Winterania— <i>Madagascar</i>	Winterania Canella Lour.
Zeydora agrestis— <i>Sàn rùng</i>	Dolichos Montanus Lour.



*Lista de 88 plantas de Loureiro conservadas no Museu do Jardim das Plantas em Paris, com a synonymia e mais indicações de Antoine Laurent de Jussieu.*

Nomes escriptos por Loureiro	Nomes determinados pela comparação dos objectos com o texto da Flora Cochinchinense
Amomum Zingiber	Amomum Zingiber Lour. et Linn.
Keranthera	Curcuma Longa Lour.
Cochlia	Garciana Cochinchinensis Lour. — Philydrum lanuginosum Banks ex De Cand.
Lobus	Salomonica Cantoniensis Lour. — Polygaleae
Striga	Striga Lutea Lour.
Cleianth. coccineus	Volkameria Angulata Lour. est Clerodendrum paniculatum Linn.
Botrus	Porphyra Dichotoma Lour. — Callicarpae species. (Callicarpa purpurea Juss.)
Oikia	Phyla Chinensis Lour. est Verbena nodiflora Linn.
Cephalanthus monas	Cephalanthus Montanus Lour.
Muringuizingui	Allasia Payos Lour. — Affinit ignota.
Carandás	Carissa Carandás? Lour.
Pareira brava	Botria Africana Lour. — Sarmentaleae seu Vites.
Dissolen.	Dissolaena Verticillata Lour. — Vitices.
Phyteuma	Phyteuma Bipinnata Lour. — Sambucus ebuloides De Cand.
Faskia divaricata	Nerium Scandens Lour. — Strophantus dichotomus De Cand.
Pavetta sinensis	Pavetta Arenosa Lour.
Argyreia	Argyreia Acuta Lour. — Convolvulaceae
Thela alba	Thela Alba Lour. — Plumbago Zeylanica Linn.
Gentiana scandens	Gentiana Scandens Lour. — Paederia foetida. Linn.
Gardenia sinensis	Gardenia Volubilis Lour. — Rubiaceae
Xylochus	Xylochus Lour. inedit. — Antidesma alexiteria. Linn.
Stylidium Bauthas	Stylidium Chinense Lour. — Affinit. ignota.
Matricaria	Matricaria Cantoniensis Lour.
Perihola — <i>Xich laong</i>	Rhamnus Lineatus Linn. Lour.
Heloda	Hydrolea Inermis Lour.
Trisanthus	Trisanthus Cochinchinensis Lour. est Hydrocotyle lunata Lamk.



Nomes escriptos por Loureiro	Nomes determinados pela comparação dos objectos com o texto da Flora Cochinchinense
Tamaris sinica	Tamarix Chinensis Lour.
Plectronia Chinensis	Plectronia Chinensis Lour.
Gloriosa luxurians	Hemerocallis Fulva Lour.
Hemisus	Acanthus Illicifolius Lour. Linn.
Ezehlsia palma — <i>phat Dien</i>	Dracaena Ferrea Linn. Lour.
Xiphidium — <i>taoc tien</i>	Liriope Spicata Lour. — Dianella?
Dracaena alliaria	Ornithogalum Sinense Lour. — Scilla?
Spathium	Spathium Chinense Lour. — Aponogeton monostachium Linn.
Ribera	Lagunea Cochinchinensis Lour. — Polygonum laguna
Polyg. tinctorium	Polygonum Tinctorium Lour. Linn.
Trapela	Primula Mutabilis Lour. — Hortensia
Xylosma Cochine	Daphne Cannabina Lour. — Daphne?
Rheum Cantonense	Rheum Barbarum Lour. non Linn. — Rumex.
Quinarius Van Pimone	Quinaria Lansium Lour. — Cookia
Ophispermum	Ophispermum Sinense Lour. — Affinit. ignota
Mekistus sinensis	Quisqualis Indica Lour. hirsuta
Egkianthus	Enkianthus Biflora. Lour.
Dumula sinens.	Limonia Monophylla. Lour.
Libaria	Aubletia Ramosissima Lour. — Zizyphi species
Hedona — <i>Yu-mi</i>	Hedona Chinensis Lour. — Lychnis grandiflora
<i>Ngaoc</i>	Hecatonia Palustris Lour. — Ranunculus sceleratus Linn.?
Myrt. Sinensis	Myrtus Sinensis Lour. — Symplocos Sinensis De Cand.
Crataeg. sinensis — <i>Ngulin mone</i>	Crataegus Rubra Lour.
Spiraea sinensis	Spiraea Cantonensis Lour.
Thea olearia	Thea Oleosa Lour.
Thea Canton.	Thea Cantonensis Lour.
Mangueiro	Thilachium Africanum Lour. — Thilachium ovalifolium Juss. Herb. — Capparideae
Dentidia Nankiniensis	Dentidia Nankiniensis Lour. — Labiatae
Stachys artemisia	Stachis artemisia Lour. — Leonurus Sibiricus Linn.



Nomes escriptos por Loureiro

Nomes determinados pela comparação dos objectos com o texto  
da Flora Cochinchinense

Clemat. minor	Clematis Minor Lour.
Arthroda	Desmos Chinensis Lour.—Unona discolor Vahl.
Dodecatría	Dodecadia Agrestis Lour.—Grewia
Polycaulis	Corchorus Angulatus? Lour.
Rhizanota Cannabina	Corchorus Capsularis Lour. Linn.
Ligustrum	Ligustrum Sinense Lour.
Phyllimorphus	Capparis Magna Lour.
Lagerstroemia	Lagerstroemia Indica Lour. et Linn.
Viribiri	Martynia Zanguebaria Lour.—Podalium?
Cornutia	Cornutia Quinata Lour.—Vitex leucoxydon Linn.
Achantina	
Hebdoma	Septas Repens Lour.—Gratiola Honniera Linn.
Kirphum	Campsis Adrepens Lour.—Bignonia sinensis Lam.
Mutondo	Corypha Africana Lour.
Lipara nigra	Pimela Nigra Lour.—Canarium pimela Kon.
Sebifera	Sebifera Glutinosa Lour.—Litsea Chinensis. Lam.
Gonus	Gonus Amarissimus Lour.—Brucea amarissima Des.
Ricinus apelta	Ricinus Apelta Lour.
Muthona	Triphaca Africana Lour.—Sterculiaceae?
Tridesmis	Tridesmis Tomentosa Lour.—Crotonis spec.
Morella	Morella Rubra Lour.—Affinitas ignota.
Nymphantus	Nymphantus Niruri Lour.—Phyllanthus
Hoàn lung	Aristotelea Spiralis Lour.—Orchideae
Polytima inodora	Epidendrum Tuberosum Lour. Linn.?
Polytoma odorifera	Aerides Odorata Lour.
Tropha	
Rhynchosia.	Rhynchosia Volubilis Lour. non Linn.
Ploca humilis	Hedysarum Reniforme Lour. non Linn.
Plagium	Cytisus Cajan Lour. Linn.
Derris	Derris Trifoliata Lour.—Leguminosae
Kercops	Polygala Glomerata Lour.
Mopex Sinensis	Urena Polyflora Lour.

Esta relação veio acompanhada com a observação de ter sido escripta pela



propria mão de Antoine Laurent de Jussieu, e de existir com as plantas de Loureiro no Museu de Paris a seguinte nota de letra e auctor differente.

*Observations sur 80 et quelques plantes de la Flore de la Cochinchine.*

Des circonstances particulières ayant enrichi le muséum de Paris d'un certain nombre de plantes de l'herbier du missionnaire portugais Loureiro, nous avons eu d'autant plus de plaisir à les examiner qu'elles ont fait partie de l'herbier qui a servi à la description des plantes publiées dans la *Flora Cochinchinensis*. On sait que Loureiro n'a pas été assez heureux pour mettre au jour le fruit de ses travaux sur la botanique, tant dans la Cochinchine que dans la Chine et la partie occidentale de l'Afrique, et qu'il est mort à Lisbonne dans le temps qu'il s'occupait à pourvoir au moyen de publier son manuscrit. Il paraît d'après ce que nous avons observé sur les 80 et quelques plantes de son herbier, qu'il n'avait pas eu le temps de porter les noms des plantes définitivement adoptés sur son manuscrit; ou bien que, s'en rapportant plus à son manuscrit où les descriptions étaient faites avec soin qu'à une collection qui pouvait être détruite par diverses circonstances, il n'avait pas attaché beaucoup d'importance à étiqueter exactement les échantillons qu'il possédait. Il en résulte que les plantes n'ont point été nommées, ou qu'un très petit nombre d'entre elles portent des noms correspondants à ceux de la Flore. Dans le haut de la feuille sont inscrits seulement la classe et l'ordre de Linné dans lesquels la plante doit être portée; on y trouve encore, quelquefois, un nom générique qui, presque toujours, se trouve changé dans l'ouvrage, le nom spécifique étant cependant demeuré le même; on remarque aussi, chez plusieurs plantes, au-dessus de l'inscription de la classe et de l'ordre, un nom vulgaire, quelquefois orthographié différemment qu'il ne l'est dans l'ouvrage imprimé. C'est avec ce peu d'indications que nous sommes parvenus à retrouver les noms de toutes ces plantes et à acquérir, par là, des idées précieuses sur plusieurs genres que Loureiro avait établi et qui ne peuvent plus exister, ou qui mériteraient d'être examinés. Quelques soient les erreurs que cet auteur a commises, il est à remarquer que les plantes sont, en général, très bien décrites, et qu'il est facile de vérifier son exactitude dès que l'on peut avoir acquis la certitude de l'identité d'espèce.

Na mesma nota existe em seguida uma discussão a respeito de muitos gene-



ros ou especies, como *Salomonina*, *Allasia* etc.; mas esta parte não nos foi enviada, só veiu d'ella a indicação.

É interessante esta nota pela revelação do modo por que estão as plantas de Loureiro no herbario do Museu de Paris. É este modo exactamente o mesmo que se observa na pequena porção de plantas conservadas no Museu de Lisboa. Sabemos que em uma e outra parte ellas estão como embrulhadas em papel chinês, de certo o mesmo em que as envolveu Loureiro, porque é n'esse papel que existem escriptas com a sua propria lettra as indicações a que se refere a nota do herbario de Paris.

No que se enganou porém o auctor da nota foi em suppôr que a *Flora Cochinchinensis* não fôra impressa em vida de Loureiro, por quanto esta impressão verificou-se no anno de 1790, e Loureiro morreu no immediato, em 1791; sendo certo que elle proprio vigiára ainda e superintendêra essa impressão, apesar da idade muito adiantada em que se achava.











